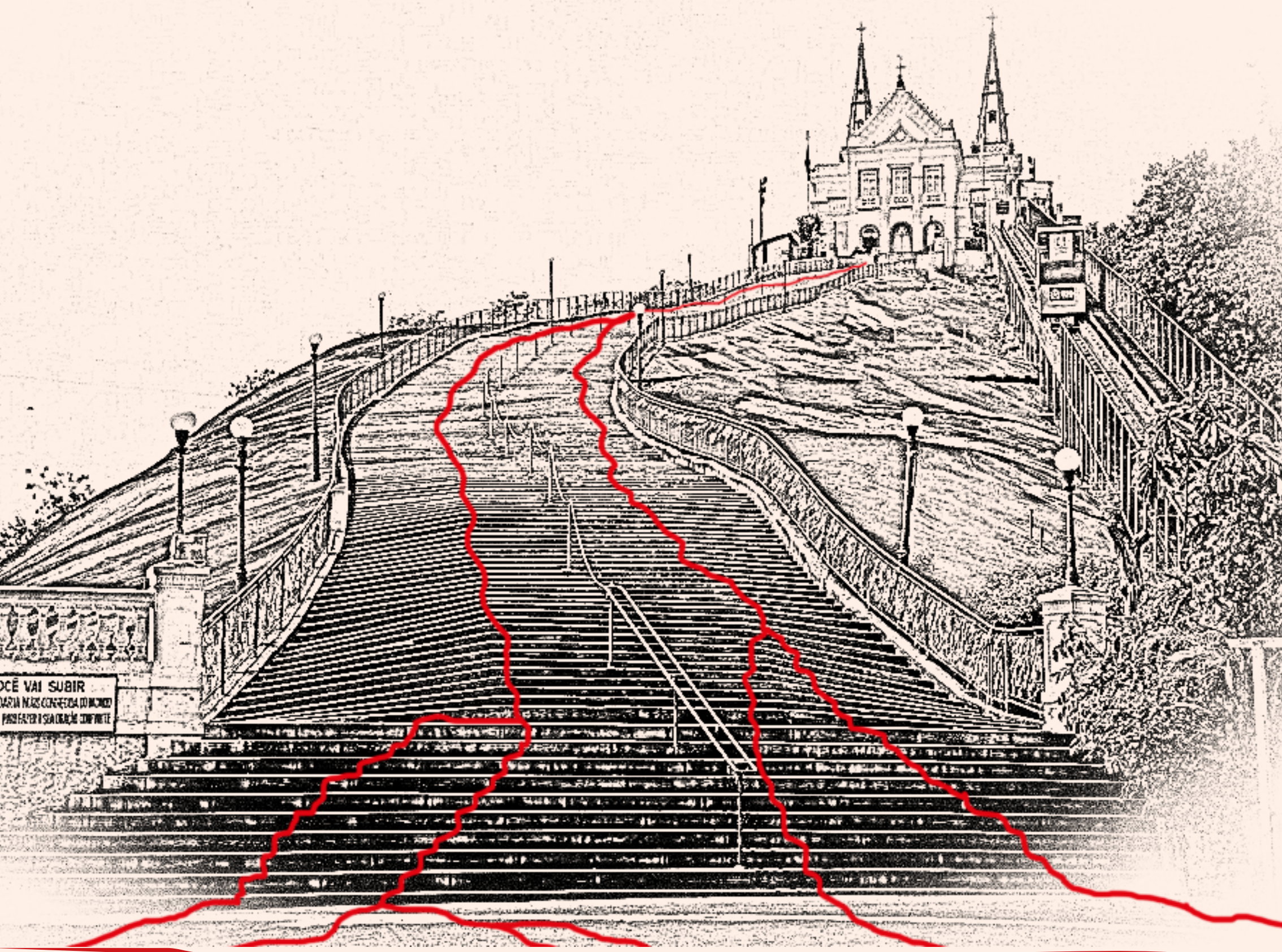


JORNAL DA AdUFRJ

1379 • 31 de outubro de 2025 • www.adufrj.org.br • TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj

SERRA DA MISERICÓRDIA

Ícônico Santuário da
Penha fica no topo do
maciço que foi palco
da chacina e liga os
complexos do
Alemão e da Penha



CIÊNCIA CONTRA A BARBÁRIE

O olhar dos cientistas sobre a chacina no Alemão não será distante nem isento. Convocados pela AdUFRJ, grandes pesquisadores de diferentes universidades e instituições do Rio de Janeiro vão se reunir neste sábado, dia 1º, às 9h30, para debater a segurança pública do estado e denunciar o uso da violência como instrumento político.

AdUFRJ

SB
PC
Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

FIOCRUZ
cee

CBPF
Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas

convidam:

A CIÊNCIA POR UMA SEGURANÇA PÚBLICA SEM BARBÁRIE

ARTE SOBRE FOTO DA FOLHA DE S. PAULO

LOCAL:

Auditório Pedro Calmon,
Campus da Praia Vermelha

HORÁRIO:

Sábado, 1 de novembro,
9h30

O EVENTO TERÁ TRANSMISSÃO DIRETA PELO CANAL DA ADUFRJ

Apoio: PPGHIS, NECVU, AKPG, IFCS-UFRJ, LA, CIÊNCIAS SOCIAIS, PUC, ANDES, ADUFF, SSind

ENCONTRO ENTRE CIENTISTAS DEBATE SEGURANÇA PÚBLICA. PARTICIPE !

O olhar da ciência sobre a chacina no Alemão não será distante nem isento. Grandes pesquisadores de diferentes universidades e instituições do Rio de Janeiro vão se reunir neste sábado, dia 1º, às 9h30, para debater a política de segurança pública do estado e denunciar o uso da violência como instrumento

político.

A ideia é formar uma rede de cientistas em combate à barbárie, à política de extermínio e ao negacionismo científico. Evidências apontam que o caminho para o enfrentamento ao crime organizado passa por ações de inteligência que combinem estratégias de segurança com políticas sociais consistentes e

permanentes.

Ações como a que resultou em 121 mortes, além de inaceitáveis do ponto de vista ético, provocam ainda mais ações violentas, mais ódio e espriam insegurança em toda a população do estado, especialmente a que vive em áreas conflagradas. A ciência é e sempre será uma ferramenta de desenvolvimento

social e de proteção da vida.

A organização é da AdUFRJ - Associação dos Docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, CBPF - Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas e CEE - Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz.

Também participam: Andes,

Aduff, ANPG, Adur e diversos grupos de pesquisa do estado do Rio de Janeiro.

Toda a sociedade fluminense está convidada a participar e ajudar a refletir sobre os caminhos que levam à falência da política de segurança pública do Rio de Janeiro e como podemos virar esse jogo.

“Depois de uma operação horrível dessas, a favela fica em silêncio. Você sabia que o silêncio na favela é o pior barulho que existe? É o barulho do medo”

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

O RIO DE JANEIRO FOI MANCHADO DE SANGUE NO DIA 28 DE OUTUBRO. A maior chacina do Brasil é mais um trágico e sádico episódio que escancara a crise de segurança pública na qual está mergulhada a Cidade Maravilhosa. A Polícia Civil confirma 121 mortes, mas a contagem total, com os 72 corpos achados por moradores na mata da Serra da Misericórdia, elevaria o número para 136 assassinatos. Há muitas perguntas sem resposta. Para além do silêncio, há angústia, medo e dor. Dor de uma população cansada de ser refém. “O governo não oferece segurança, nem combate o crime, nem nos dá apoio. Em quem confiar?”, questiona uma personagem que não terá seu nome ou local de moradia revelados por medida de segurança. “São vivências e dores impossíveis de mensurar”, completa outra entrevistada. O Jornal da AdUFRJ abre sua página 3 com os difíceis relatos de três gerações marcadas pelo horror. “Eu queria mudar de país. Aquele da neve, pra eu fazer boneco de neve. Lá eu acho que não vou mais ouvir tiro, deve ser muito legal”, sonha o pequeno B., de 8 anos.

B. ,
8 anos

“

“No dia que aconteceu aquele negócio, eu fiquei muito nervoso. Eu *tavo* na escola e todo mundo começou a falar que já *tinha* 22 pessoas mortas. Eu tenho medo disso. Não gosto. Eu comecei a chorar muito. Fiquei preocupado com a minha família e meu coração chega acelerou. Chorei tanto que ninguém conseguia me acalmar. Eu comecei a vomitar, porque meu estômago ficou fazendo bolhas. É muito ruim sentir isso. Quando a minha avó chegou *pra* me buscar, eu fiquei um pouco mais calmo, porque ela *tava* viva. Ela me levou para casa andando, porque não passava BRT. Isso também me deixou assustado. Quando cheguei na casa da minha avó, o meu primo ainda não tinha chegado da escola. Isso me deixou muito nervoso de novo. Na televisão, *tava* passando muitas coisas feias. Tão feias que eu até fechava o olho e tapava o ouvido.

Eu espero que isso não aconteça mais, mas tem pessoas que defendem o que não é *pra* acontecer. Eu pensei: ‘que isso, mun-

do? Logo perto do meu aniversário? Não quero que aconteça de novo. Na verdade, eu queria mudar de país. Aquele da neve, *pra* eu fazer boneco de neve. Lá eu acho que não vou mais ouvir tiro, deve ser muito legal.”

M. ,
44 anos

“

“Nossas dores são invisíveis. São feridas que ninguém vê. São vivências e dores impossíveis de mensurar. Desde sempre, isso tudo foi muito ruim, mas de 2010 para cá, ficou pior. A UPP veio como uma linda promessa. A gente via tudo bonitinho lá na Zona Sul. Quando chegou aqui, não era nada daquilo. De 2014 a 2016 foram confrontos todos os dias. Os traumas foram se acumulando. Tem muitas pessoas que tomam medicação fortíssima. Eu mesma tomo tarja preta. Faço vários tratamentos e não consigo mantê-los sem ajuda. Uso medicação controlada. Sem ela, eu não consigo aguentar isso tudo. A polícia agora entra pontualmente às 4h30. Então, eu acordo todo dia às 4h, para não ser acordada pelas rajadas, porque é horrível despertar assim.

“No dia que aconteceu aquele negócio, eu fiquei muito nervoso. Eu *tavo* na escola e todo mundo começou a falar que já *tinha* 22 pessoas mortas. Eu tenho medo disso. Não gosto. Eu comecei a chorar muito. Fiquei preocupado com a minha família e meu coração chega acelerou. B. 8 anos

Temos jovens adultos que não sabem ler direito porque na época da alfabetização não podiam ir à escola por conta dos tiroteios. Há várias pessoas com pressão alta, ansiedade, transtorno pós-traumático, crise de pânico, depressão. Agora temos crianças também com esses quadros. Muitas crianças sofrendo alta pressão psicológica por conta da violência. São muitos danos, efeitos colaterais invisíveis.

A parte invisível da guerra não interessa... As pessoas da favela fazem o asfalto funcionar, mas o Estado não quer saber e nem a sociedade. Transformam a favela num campo de guerra, sem

campo de refugiado. A gente não tem para onde ir. A gente vira escudo dos dois lados e a sociedade julga sem conhecer a realidade. Não sou contra a polícia, desde que ela faça o seu trabalho dentro da lei. Se o policial não cumpre a lei, ele é bandido igual ao bandido que ele diz combater. Eles queriam matar. Em nenhum outro momento teve tanta destruição. Foram quatro horas de tiros só na rua principal, do comércio. Destruíram tudo. Não tem como justificar o uso dessas armas de guerra. Quem negocia essas armas em vários idiomas? Se não tiver munição, não tem como ter tiroteio. Se a arma não chegar, o tráfico não vai conseguir fabricar uma arma sozinho. Os dois lados têm armas e a gente fica no meio, preso em casa, sofre calado, não pode falar.”

A. ,
76 anos

“Perdi um filho há mais de 30 anos e sei o que essas mães estão passando agora. Nenhuma mãe nasceu para enterrar um filho. É uma chaga aberta. Dói todo dia saber que seu filho morreu sozinho, sem você estar

perito. Morreu sem você poder amparar sua cabeça, sem dizer que vai ficar tudo bem, como fazia quando ele era criança e tinha medo nas noites em que a luz faltava no barraco. Cada vez que tem morte, eu revivo essa dor, sendo perto ou sendo longe. Os traumas são muitos e só se acumulam. Tem gente morrendo do coração de repente. É de repente, porque não tem aviso, mas é resultado de muitos maus-tratos. Nós [moradores de favelas] somos as maiores vítimas dessas operações. O governo não oferece segurança, nem combate o crime, nem nos dá apoio. Não temos a quem pedir ajuda. Em quem confiar, quando eles [policiais] estão num dia atirando dentro da favela, no outro pegando ‘arrego’ [propina combinada com o tráfico], no outro vendendo as armas que eles pegam em outra operação? Moro aqui há quase 70 anos e já vi muita coisa. Depois de uma operação horrível dessas, a favela fica em silêncio. Você sabia que o silêncio na favela é o pior barulho que existe? É o barulho do medo. Mesmo quando a matança acontece em outro lugar, mesmo assim, a gente cá fica com medo. Será que vem para cá? Será que vai morrer mais gente? Podia ter sido ‘fulano’, podia ter sido meu neto. Se você mora em favela, você é alvo. Pode ser adulto, velho, criança, estudante, traficante, trabalhador. Não importa nada. Tem um alvo grande no seu peito quando você mora aqui.”

O dia em que um professor chamado Brasil deu voz de prisão a um criminoso que roubava docentes

ANA BEATRIZ MAGNO
anabiamagno@adufrrj.org.br

Ele foi muito além do dever de ofício. Alexandre Brasil, professor titular da UFRJ, identificou, denunciou e deu voz de prisão a um dos líderes da quadrilha que falsificava documentos e roubava pensões de professores e técnicos aposentados da UFRJ. A rede criminosa foi desbaratada na manhã da última quinta-feira (30) pela Polícia Federal, mas o começo da história é bem anterior. Data de 2022, ano em que Alexandre Brasil ocupava o cargo de pró-reitor de Pessoal da universidade.

Na época, a equipe técnica da PR-4 desconfiou de uma série de processos que solicitavam a revisão de pensões pagas para herdeiros de docentes e técnicos da UFRJ falecidos.

“As solicitações tinham textos muito parecidos. Fomos checar e as documentações de vários processos eram idênticas. Endereços, extratos bancários, conta de luz, tudo com nomes diferentes, mas dados iguais. Cruzamos todos os dados e percebemos a conexão entre eles. Havia um esquema ali”, recorda o docente, licenciado do Nutes-UFRJ, e hoje na assessoria técnica da secretaria-executiva do MEC, em Brasília. “Fiquei muito feliz quando li agora as notícias de que a quadrilha havia sido desbaratada. Foi uma sensação de dever cumprido”.

Antes do alívio, no entanto, o caso teve lances policiais inusitados. Assim que identificou a prática da quadrilha, Alexandre comunicou o caso aos chefes – reitora Denise Pires de Carvalho e vice-reitor Carlos Frederico Leão Rocha – e à Procuradoria da universidade. A orientação foi que levasse o assunto à Polí-



ACERVO PESSOAL / INSTAGRAM

cia Federal. “Alexandre foi corajoso e rigoroso. Essa quadrilha não teria sido desmontada sem o trabalho dele naquela época”, elogia Fred, hoje diretor do Instituto de Economia. “Me lembro do caso. Foi muito sério”, completa Denise.

Na mesma semana, Brasil seguiu as instruções e foi até a sede da Polícia Federal, no Centro do Rio. “Lá me disseram que a solução mais eficiente seria uma ação em flagrante”, conta. “Saí de lá pensando em como preparar esse flagrante. Chamei minha equipe na PR-4 e montamos uma estratégia”.

O flagrante ocorreu dentro da PR-4, e pasme, Alexandre Brasil, um sociólogo, deu voz de prisão ao suspeito. “Preparamos uma

emboscada. Comunicamos ao autor do processo, um advogado que dizia representar um docente falecido, e pedia o reconhecimento de uma suposta união estável para assim receber a pensão. Disse que precisávamos de uma reunião para conversar sobre a documentação”, recorda.

VOZ DE PRISÃO

O suposto advogado topou. Alexandre comunicou à PF que estava com tudo pronto para obter o flagrante e pediu que a Federal acompanhasse o encontro. A PF o parabenizou, mas disse que não poderia acompanhar e que ele próprio deveria dar voz de prisão ao suspeito. “Imagina, eu nunca tinha feito isso, mas fiz”, lembra. “Os policiais militares

ainda tentaram me desencorajar, disseram que o cara poderia não me respeitar. Resolvi arriscar. Os agentes da PM e a Diseg não entraram. Ficaram na porta”.

O suposto advogado chegou à UFRJ de moto. Era um homem jovem, pardo, com carteira da OAB, e surpreendente tranquilo, segundo Alexandre Brasil. “Eu falei das inconsistências dos documentos. Ele nem se alterou. Achei muito estranho”, conta.

Foi então que o professor, ali no salão da PR-4, deu a voz de prisão. “O senhor está preso e vai me acompanhar até a Polícia Federal”.

Brasil e o suspeito foram até a sede da Polícia Federal. O inqué-

rito foi instaurado e as investigações começaram até que, na última quinta-feira, a PF divulgou os primeiros resultados.

O esquema identificado pelo professor e pela equipe da PR-4 movimentou mais de R\$ 22 milhões de pensionistas de docentes e técnicos da UFRJ falecidos. “Eu não fazia ideia de que era tão grande, mas já naquela época ficou claro que era algo bem planejado. Fizemos isso porque era nosso dever. Somos servidores públicos. É nossa obrigação.”

REITOR ELOGIA BRASIL E SERVIDORES DA UFRJ

“Alexandre Brasil agiu corretamente. Foi exemplar. As investigações isentaram qualquer participação de servidores da UFRJ no crime. Não tivemos acesso ao inquérito. Mas, pelas informações que chegaram até mim, não houve indiciamento de nenhum servidor até agora, o que me deixou muito feliz. A UFRJ, tão logo soube de um caso, abriu auditoria, descobriu novos casos e encaminhou para a Polícia Federal. Ou seja, a UFRJ é vítima desses criminosos. Não fomos procurados, mas estamos totalmente abertos para ajudar a Polícia Federal a debelar esta e qualquer outra fraude. A orientação é essa: sempre checar o contracheque. Hoje, temos o SouGov. Não tem mais a distribuição do contracheque físico. E, se desconfiar de algo, imediatamente procurar a pró-reitoria de Pessoal que nós investigaremos. Se houver algum indício de fraude, comunicaremos à Polícia Federal”

AÇÃO DA UFRJ CONTRIBUIU PARA DESMONTE DE QUADRILHA

Na última quinta-feira, 30 de outubro, a Polícia Federal deflagrou a Operação Capgras para combater a prática de falsificação de documentos, estelionato contra ente público federal, lavagem de dinheiro e organização criminosa. A quadrilha cometia fraudes para desviar pensões e benefícios de técnicos e professores

falecidos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). As investigações apontaram que os envolvidos movimentaram cerca de R\$ 22 milhões entre janeiro de 2022 e dezembro de 2024.

Outras fraudes foram identificadas no curso das investigações, como golpes bancários e fraudes em benefícios previdenciários. Também foram

As apurações revelaram um complexo esquema de vultosas movimentações financeiras, com utilização de laranjas e empresas de fachada

revelados indícios de que parte dos recursos obtidos pode ter sido direcionada a pessoas ligadas à cúpula de uma das maiores facções criminosas atuantes no estado do Rio de Janeiro.

As apurações revelaram um complexo esquema de vultosas movimentações financeiras, com utilização de laranjas e empresas de fachada para

ocultar a origem e o destino dos valores arrecadados ilegalmente. Os membros do grupo se valiam de documentação fraudulenta para se passarem por familiares de ex-professores, ludibriando a instituição.

Fonte: Comunicação da Polícia Federal

CARREIRA DOCENTE EM REVISÃO NA UFRJ



KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

PROGRESSÕES MÚLTIPLAS

A revisão da resolução sobre o desenvolvimento na carreira docente é ampla, mas tem como ponto de partida uma sentença judicial favorável à AdUFRJ, do fim de 2023, para a volta das progressões múltiplas. O dispositivo garante ao professor o direito de “corrigir” seu posicionamento na carreira, mesmo quando não solicitou a progressão no período previsto. Ou seja, ele pode subir mais de um nível desde que tenha cumprido os requisitos de tempo e produção acadêmica.

As múltiplas já existiam na resolução do Consuni nº 08/2014, que ainda regula o tema na UFRJ, mas foram suprimidas em 2020, após parecer restritivo da Advocacia-Geral da União (AGU). No entanto, graças à ação judicial da AdUFRJ, elas voltaram a acontecer desde março do ano passado. Em cumprimento à sentença, o Consuni aprovou o retorno do dispositivo às regras internas.

MENOS BUROCRACIA

Fruto de muita negociação da AdUFRJ, outra conquista também estará garantida para os docentes na nova resolução: menos burocracia nos processos internos de progressão ou promoção. Quando o texto entrar em vigor, será dispensada a documentação comprobatória de titulação e das atividades que já tiverem sido apresentadas anteriormente em outras progressões e promoções, devidamente registradas nas Unidades ou Órgãos Suplementares.

Ou seja, vai acabar o suplicio enfrentado pelos professores de muitas unidades que, mesmo há muito tempo na universidade, são obrigados a apresentar documentos como a portaria de nomeação ou a prova de titulação.

SEM CONFERÊNCIA

Até o momento, o ponto mais polêmico foi a supressão da conferência pública que a universidade exigia para o docente se tornar Titular.

“Quem tem medo da conferência?”, questionou o representante dos Titulares do CCS e ex-diretor da AdUFRJ, o professor AntonioSolé, na sessão do Consuni de 9 de outubro. “Nós, professores, adoramos falar. E você escolhe sobre o que vai falar. Em nome da autonomia universitária, temos que manter a proposta da CLN (Comissão de Legislação e Normas do Consuni, que defendia a manutenção da conferência)”.

Decano do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, o professor Vantuil Pereira posicionou-se contra a conferência, com base na lei 12.772, da carreira. “A

regra garante o direito ao professor de chegar ao topo da carreira. Não cabe à universidade estabelecer impedimento ou barreira para este professor. No caso, a conferência é isso”, disse.

A proposta de eliminação da conferência passou por 20 votos contra 19 e três abstenções.

ORIENTAÇÃO VALORIZADA

A nova resolução inclui a avaliação de orientação e acompanhamento acadêmicos dentro das atividades de ensino de graduação, para efeito da progressão e promoção. O objetivo é valorizar as ações dos professores junto aos estudantes em sua trajetória nos cursos: por exemplo, o aconselhamento de em quais disciplinas o estudante deveria se inscrever em determinado período. Ou seja, uma tarefa diferente da orientação de iniciação científica, de trabalhos de fim de curso, de monitorias ou tutorias, que já constava da resolução de 2014.

AValiação DISCENTE

A avaliação da orientação acadêmica recém-aprovada será mais um elemento da avaliação discente dos professores. Na versão atual, os estudantes se limitam a avaliar o desempenho em sala de aula dos docentes (didática, conteúdo, avaliação). “É uma sinalização para toda a universidade de que a orientação acadêmica é importante”, afirma a professora GeorgiaAtella, superintendente-geral de Graduação. Para a dirigente, a mudança valoriza a uma atividade que pode ajudar a combater a retenção e evasão na UFRJ.

A nova resolução prevê que esta avaliação discente seja centralizada, via Siste-

ma de Gerenciamento Acadêmico (Siga). Mas que, na ausência desta ferramenta, as unidades organizem sua própria forma de participação dos estudantes.

A ferramenta centralizada já existia no texto de 2014, mas não era utilizada pelos alunos. A pró-reitoria de Graduação informa que o módulo foi desativado no primeiro semestre de 2023. “O instrumento de avaliação estava desatualizado, necessitando de uma reestruturação. Um questionário bem formulado é crucial para capturar a qualidade real da atividade docente”, diz Georgia.

“Devemos demonstrar aos estudantes que o feedback deles é uma ferramenta importante para o aprimoramento contínuo, para nós e para as futuras gerações de estudantes”, completa a superintendente. O formulário desta nova avaliação ainda será elaborado, e não há um prazo para implantação.

EXTENSÃO DETALHADA

O novo texto amplia e detalha as atividades de extensão que contam para o relatório apresentado para a progressão ou promoção. A pró-reitora de Extensão, professora Ivana Bentes, avaliou de forma positiva as mudanças. “O professor quer ver a atividade que ele faz descrita ali”, diz, ressaltando que todas as ações



devem continuar sendo registradas no SIGA após aprovação nos colegiados das unidades.

A resolução de 2014, por exemplo, prevê apenas a orientação de bolsistas de extensão. Já o texto em tramitação no Consuni acrescenta a orientação de estudantes extensionistas devidamente matriculados no RCS (requisito curricular suplementar) de Extensão ou incluso no cadastro da ação de extensão como membro de equipe. “A gente sabe que a maioria dos extensionistas não tem bolsa. Foi um avanço reconhecer e valorizar essa orientação”, diz Ivana.

Também poderão constar do relatório as prestações de serviços em extensão. A modalidade, prevista pelo Conselho Nacional de Educação, ainda não havia sido regulamentada na UFRJ. A aprovação aconteceu no Conselho de Extensão Universitária do último dia 29. “Ela segue todos os princípios das demais atividades de extensão, como o caráter público e gratuito”, explica Ivana. “A prestação de serviços deve estar disponível no SIGA já em 2026 para cadastro”, completa.



REYAN FERNANDES

CIÊNCIA QUE ALIMENTA ESPERANÇA

> Há mais de duas décadas, Semana Nacional de Ciência e Tecnologia aproxima a academia de estudantes do ensino básico. Evento discute as mudanças climáticas e a preservação dos oceanos

REYAN FERNANDES
comunica@adufrrj.org.br

A jovem Ester de Oliveira não conseguiu esconder a euforia ao visitar a UFRJ pela primeira vez. “Adorei tudo aqui. É incrível”. A estudante de 17 anos da FAETEC foi uma entre os mais de 5 mil alunos de dezenas de escolas do estado que visitaram a universidade para participar da 22ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, entre os dias 21 e 24 de outubro. O evento aconteceu nos campi de Duque de Caxias, do Fundão e em Macaé.

Criada em 2004 pelo Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, a SNCT é o maior evento de popularização da ciência do Brasil. Em 2025, o tema da edição foi “Planeta água: a cultura oceânica para enfrentar as mudanças climáticas no meu território”.

“Gosto muito dessa temática da sustentabilidade. Quando entrar na universidade, quero trabalhar com algo que dialogue com esse assunto”, afirmou Ester que, a poucos dias do Enem, ainda não decidiu entre Arquitetura ou Engenharia Civil.

A professora Cassia Turci, vice-reitora, ressaltou a relevância de discutir a preservação dos oceanos e a sustentabilidade às vésperas da COP30, que acontecerá em novembro. A docente percorreu os estandes impressionada com os projetos apresentados e com o impacto gerado nos visitantes. “É emocionante ver o brilho nos olhos das crianças”, pontuou. “A universidade precisa disso. E esse evento tem esse papel de atrair os olhares de forma lúdica para que eles se interessem no futuro em fazer um curso de graduação”.

Na Cidade Universitária, 2.623 estudantes do ensino básico passaram pelas 52 oficinas, dez visitas guiadas e cinco apresentações culturais. O hall de entrada do Centro de Tecnologia e do Auditório Horta Barbosa ficaram repletos de sonhos de estudantes. “A gente

vê crianças e adolescentes que nos visitam e vislumbram a possibilidade de fazer um curso universitário”, afirmou a professora Ivana Bentes, pró-reitora de extensão.

A docente destacou o papel dos extensionistas, estudantes da UFRJ, que apresentam as oficinas e os experimentos na construção da ideia de pertencimento dos visitantes. “Eles conseguem olhar para esses jovens universitários um pouco mais velhos que eles, muitos vindos também de periferias, nesse lugar de produção de conhecimento”.

Outra estudante que esteve na SNCT aproveitou para ratificar a escolha de carreira. Giovanna Ferreira, aluna do Colégio Estadual Alfredo Neves, em Nova Iguaçu, ficou encantada com a visita ao laboratório de Farmácia. “Minha mãe é farmacêutica e também já assisti a uma palestra no último Conhecendo a UFRJ que me fez escolher a área. Hoje, quando botei os pés no laboratório e vi as pessoas fazendo pesquisas, vi realmente que é o que quero fazer”, disse a jovem de 18 anos com um indistigável sorriso de esperança.

INCENTIVO

Ao todo, 299 professores de colégios públicos e privados acompanharam os estudantes no Fundão. Daniel Martins, professor de Matemática do Colégio Pedro II, faz questão de

sempre trazer seus alunos aos eventos. “É o primeiro despertar que os alunos têm de vislumbrar uma oportunidade de estudar numa instituição como a UFRJ, o que, para muitos, ainda é inatingível”, disse. “A SNCT é um incentivo imensurável para eles”, completou.

Patrícia Simões levou seus pequenos estudantes — entre sete e oito anos de idade — do terceiro ano do ensino fundamental para um primeiro contato com a produção científica. Professora da Escola Municipal Alice Tibiriçá, localizada no Morro do Dendê, na Ilha do Governador, lamentou que, embora vivam tão próximos do Fundão, muitos estudantes não enxerguem a perspectiva de um dia se tornarem alunos da UFRJ e pontuou a importância do evento para mudar essa realidade. “Esse primeiro contato com o mundo acadêmico é muito importante. Eles podem começar a perceber que existe outra realidade e outras possibilidades fora da comunidade onde vivem”.

SUSTENTABILIDADE

Os projetos de extensão apresentados aos estudantes expuseram trabalhos vinculados ao tema de preservação de recursos hídricos. A professora Adriana dos Anjos, da Escola de Química, mostrou aos visitantes o conceito de Química Verde, que tem como princípio a substituição de matérias-primas de fontes

fósseis por fontes renováveis. A produção de biodiesel a partir do cultivo de microalgas foi um dos destaques do estande, destacando que esses microrganismos também podem ser usados no tratamento de efluentes, transformando esgoto em água de reúso.

A docente e os extensionistas desenvolveram um jogo chamado “Trilha Ecológica” para interagir com os visitantes. “No jogo, a gente fala com eles sobre iniciativas de uso de materiais renováveis, reciclagem e coleta seletiva”, explicou Adriana. “É uma experiência importante para as crianças e adolescentes que aprendem de forma lúdica e para nossos graduandos que exercitam a capacidade de divulgar os conhecimentos que aprendem na universidade”.

A doutoranda do Laboratório de Imunobiotechnology do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes, Naiara Manhães, apresentou a importância da preservação dos oceanos para o desenvolvimento de fármacos. “A Ziconotida é um analgésico para tratar dores crônicas e é sintetizada a partir do veneno de um caramujo. Da esponja do mar, foi desenvolvido o AZT, que impede a replicação de vírus, principalmente do HIV”, exemplificou.

Os pesquisadores e extensionistas montaram uma piscina de bolinhas em que os visitantes precisavam encontrar os

microrganismos e depois montar um quebra-cabeça. “É uma forma de explicar de maneira lúdica e interessante para eles”, disse Manhães.

A professora Maria Luiza Campos, do Instituto de Computação, aproveitou o evento para conversar com os professores do ensino básico. O objetivo é mostrar para as escolas que é possível trabalhar a temática algorítmica e pensamento computacional sem precisar de um computador na sala de aula. “Desenvolvemos um jogo com as espécies em extinção no qual a criança navega usando conceitos da navegação desplugada, usando cartas e tabuleiros para construir um percurso simulando um programa”, explicou a docente.

Maria Luiza também divulgou a iniciativa Minervas Digitais, projeto que estimula a entrada de mulheres na área da computação. “Temos apenas 15% de alunas em nosso curso. Precisamos puxar as meninas desde muito cedo para essa área e um evento como a SNCT ajuda muito nesse trabalho”.

MACAÉ

Em Macaé, 1.944 estudantes de 17 escolas do Norte Fluminense visitaram o Centro Multidisciplinar. As 68 ações envolveram 174 alunos e 69 professores da UFRJ. Os números do Nupem não foram divulgados até o fechamento desta edição.



ACERVO PROJETO SER CIENTISTA

ESTUDANTES SÃO PROTAGONISTAS EM CAXIAS

No campus Duque de Caxias, 1.122 estudantes de 27 instituições de ensino participaram das atividades nos três dias da SNCT. A professora Luisa Ketzner, diretora da AdUFRJ, coordenou a oficina científica “Impacto das mudanças climáticas no ecossistema aquático”, na Escola Municipal Professora Dulce Trindade Braga.

“É um desafio muito interessante ir até a escola. Os alunos pensam as perguntas sobre mudanças climáticas e fazem os experimentos para tentar respondê-las. Eles se tornam protagonistas nesse processo de aprendizagem”, revelou Ketzner.

#OrgulhoDeSerUFRJ

Benedita, Bertha e Leslie nas profundezas do mar

> Espécies de organismos marinhos descobertas em pesquisa da UFRJ recebem nomes em homenagem à deputada federal Benedita da Silva e às cientistas Bertha Lutz e Leslie Harris

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrrj.org.br

Três mulheres com vidas dedicadas à emancipação feminina e à defesa da Educação e da Ciência emprestam agora seus nomes a três novas espécies de organismos marinhos que podem ser encontrados até 3 mil metros de profundidade no litoral sudeste e sul do Brasil. As novas espécies homenageiam a política Benedita da Silva e as cientistas Bertha Lutz (1894-1976) e Leslie Harris, e foram descritas em artigo de três pesquisadoras da UFRJ, publicado no último dia 17 de outubro no periódico suíço Diversity, especializado em biodiversidade.

Assinado pelas biólogas Roberta Freitas, Carolina Moraes e Christine Ruta, o artigo descreve quatro novas espécies de poliquetas, organismos fundamentais para o equilíbrio dos ecossistemas marinhos, e também registra a presença em águas brasileiras de uma outra espécie até então só encontrada no litoral da Argentina. Roberta é aluna de doutorado, e Carolina de mestrado, ambas orientadas por Christine Ruta no Programa de Pós-Graduação em Zoologia do Museu Nacional. Os estudos foram feitos no Laboratório Taxon, ligado ao Instituto de Biologia da UFRJ.

“Nesse artigo, a gente propõe uma reflexão. A UFRJ mudou muito, há mais inclusão, e isso nos inspira a refletir sobre as novas gerações de cientistas que estamos formando. Roberta e Carolina são duas alunas mulheres e pretas, é um grande orgulho tê-las aqui. Pensamos, a partir dessa reflexão, em homenagear três mulheres inspiradoras em suas trajetórias de vida. Benedita e sua luta pela inclusão, Bertha e sua contribuição não só à Ciência, mas à emancipação das mulheres, e Leslie, uma renomada cientista



ALEXANDRE MEDEIROS

AS AUTORAS: da esq. para a dir., Carolina Moraes, Christine Ruta e Roberta Freitas assinam o artigo



ARNE NYGREN

POLIQUETAS desempenham papel fundamental nos mares

norte-americana, especialista em poliquetas e incentivadora de jovens cientistas”, conta Christine Ruta.

IMPORTÂNCIA ECOLÓGICA

O artigo das pesquisadoras da UFRJ descreve o primeiro estudo taxonômico do gênero Chaetozone (Cirratulidae) no Brasil. A pesquisa tomou como base a costa sudeste e sul do país, região de intensa exploração de petróleo nas Bacias de Campos e de Santos, entre os estados do Espírito Santo e de Santa Catarina, incluindo as camadas do pré-sal, em águas profundas.

Quatro novas espécies de poliquetas são descritas no estudo:

Chaetozone beneditae sp. nov., C. lesliae sp. nov., C. lutzae sp. nov. e C. bidentata sp. nov. — as três primeiras homenageiam Benedita, Leslie e Bertha, respectivamente (saiba mais sobre as homenageadas abaixo). O estudo aumenta o número de espécies válidas de Chaetozone em todo o mundo de 81 para 85, e traz também o primeiro registro no Brasil de C. larae, espécie antes conhecida apenas na Argentina.

A pesquisa destaca que os poliquetas cirratulídeos são abundantes, ecologicamente relevantes e amplamente utilizados como bioindicadores. Chaetozone Malmgren, 1867,

objeto do estudo, é o gênero mais diverso de cirratulídeos. “A descoberta de quatro novas espécies em uma área geográfica relativamente restrita sugere que a diversidade de Chaetozone no Brasil ainda é subestimada”, diz o estudo.

Os poliquetas desempenham importante papel no equilíbrio dos ecossistemas marinhos, seja na reciclagem de nutrientes ou como alimento para várias espécies de peixes, como diversos tipos de linguado. São considerados de importância ecológica, fundamentais para avaliar impactos das atividades humanas nos oceanos. Com o corpo em forma de anéis, os poliquetas podem ser microscópicos ou atingir de dois a três metros de comprimento. O nome poliqueta vem do grego e significa “muitas cerdas”, característica marcante do organismo marinho.

Os poliquetas desempenham importante papel no equilíbrio dos ecossistemas marinhos, seja na reciclagem de nutrientes ou como alimento para várias espécies de peixes, como diversos tipos de linguado. São considerados de importância ecológica, fundamentais para avaliar impactos das atividades humanas nos oceanos. Com o corpo em forma de anéis, os poliquetas podem ser microscópicos ou atingir de dois a três metros de comprimento. O nome poliqueta vem do grego e significa “muitas cerdas”, característica marcante do organismo marinho.

INFLUÊNCIAS

Benedita, Bertha e Leslie são referências de vida para Carolina, Roberta e Christine. Coordenadora da equipe de Biologia Integrativa de Organismos Marinhos do Laboratório Taxon,

Christine lembra que a presença de mulheres no campo da Biologia Marinha é relativamente nova no país. “No Brasil, até os anos 1990, as mulheres não tinham autorização para participar de expedições à Antártica. Isso mesmo já havendo mulheres na Marinha. Quando eu comecei a fazer minhas primeiras embarcações, com a idade que hoje tem a Carolina, tive que me preparar psicologicamente para ficar isolada em um navio a milhas de distância da costa, em um ambiente eminentemente masculino”, lembra a docente.

Aos 24 anos, Carolina já vivencia outra conjuntura. Cotista na pós-graduação, ela é filha de mãe professora e de pai metalúrgico, ambos ligados ao movimento sindical, e desde cedo aprendeu a lutar pelo seu espaço. “É o meu primeiro artigo publicado, representa muita coisa. É uma alegria muito grande porque a gente vê nosso trabalho sendo reconhecido”, diz ela, que é de Barra do Piraí, no interior fluminense.

Roberta já assinou outros artigos, inclusive um em que foi identificada uma nova espécie de poliqueta no litoral norte fluminense, batizada como “jongo”, em homenagem à tradição cultural dos quilombolas do município de Quissamã, naquela região.

A doutoranda, de 33 anos, fez um estágio este ano no Museu de História Natural de Los Angeles e conheceu pessoalmente a cientista Leslie Harris. “Ela é uma pessoa fantástica. Conseguiu estabelecer um programa de bolsas para alunos de pós-graduação do mundo todo para conhecerem a coleção de poliquetas do museu, da qual ela é curadora. Eu passei no edital do programa este ano, e ela hospedou os alunos durante um mês em sua própria casa. Ela já fez isso com mais de 100 alunos de vários países. Ela incentiva jovens pesquisadores em anelídeos a visitar a coleção e utilizar aquele material em seus estudos”, conta Roberta.

AS HOMENAGEADAS

BENEDITA DA SILVA

Chaetozone beneditae sp. nov. homenageia Benedita da Silva, a primeira senadora negra do Brasil, eleita em 1994, e a primeira governadora negra do país, em 2002. Criada na comunidade do Chapéu Magueira, no Rio de Janeiro, Benedita fez de sua trajetória

política um exemplo de luta contra a discriminação racial e de gênero e em defesa dos direitos humanos e da democracia, atuando como assistente social, professora e política. Tem 83 anos e é deputada federal (PT-RJ). Em junho passado, Benedita recebeu o título de Doutora Honoris Causa da UFRJ.

BERTHA LUTZ

Chaetozone lutzae sp. nov. homenageia Bertha Lutz (1894-1976), bióloga e feminista pioneira que atuou por mais de quatro décadas no Museu Nacional. Bertha teve papel decisivo na conquista do voto feminino no Brasil, instituído em 1932, e na inclusão do princípio da igualdade de gênero na Carta da ONU. Filha do médico e cientista brasileiro Adolfo Lutz e da enfermeira

inglesa Amy Fowler Lutz, Bertha foi a segunda mulher a ingressar no Serviço Público do Brasil, em 1919, mesmo ano em que fundou a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher.

LESLIE HARRIS

Chaetozone lesliae sp. nov. é dedicada a Leslie Harris, curadora da coleção de poliquetas do Museu de História Natural de Los Angeles, nos Estados

Unidos. Estudiosa da flora e da fauna marinhas da Califórnia, Leslie é referência mundial em sistemática de poliquetas, sua área de estudos desde 1988, tendo sido uma grande colaboradora de pesquisadores brasileiros e incentivadora de novas gerações de cientistas no campo da Biologia Marinha. É uma das fundadoras da Associação de Taxonomistas de Invertebrados Marinhos do Sul da Califórnia.



RODRIGO S. BATALHA,
professor da
Licenciatura em
Música da UFRJ
desde 2011

REFORMA DAS LICENCIATURAS: TODA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA CONVOCADA

Desde o ano passado, cursos de licenciatura lidam com a reorganização curricular das novas Diretrizes do CNE para uma carga horária total de 3.200 horas. Cabe a cada Unidade coordenadora de curso a responsabilidade primária pela reforma, com 1.600 horas do Núcleo de conhecimentos na área e pedagógicos específicos, além de 320 horas do Núcleo de formação em extensão em escolas, ofertado pela própria, mas também por outras Unidades acadêmicas.

Na UFRJ, há dois gargalos a serem enfrentados no projeto em construção. O primeiro é a ampliação do Núcleo comum a todas as licenciaturas, de 880 horas. A Faculdade de Educação, historicamente responsável por essa formação geral, responderia por pouco mais da metade da carga horária, deixando para as Unidades coordenadoras das quase 30 licenciaturas suprirem o restante. O segundo diz respeito ao novo Núcleo de estágio supervisionado de 400 horas ao longo do curso, com início no primeiro período. A Faculdade de Educação se propõe a assumir integralmente esta oferta, mas como não dispõe de docentes orientadores suficientes em todas as

“A Faculdade de Educação se propõe a assumir integralmente esta oferta, mas como não dispõe de docentes orientadores suficientes em todas as áreas, admitiria contar com orientadores de áreas distintas e orientação específica por dois a três períodos da graduação apenas.”

áreas, admitiria contar com orientadores de áreas distintas e orientação específica por dois a três períodos da graduação

apenas.

Qual seria o impacto disso na excelência acadêmica, nas condições de trabalho e na nota dos cursos justo quando o ENADE passou a avaliar as aulas ministradas por estagiários em campo? No final, o problema todo parece ser um: realocar docentes de áreas estranhas ao curso para tentar cobrir todos os estágios ao custo de ofertar menos carga horária do Núcleo comum. Ainda que boa sob algum ângulo, a alternativa não demonstra respaldo tanto nas Diretrizes, que tratam da articulação entre práticas de ensino e o Núcleo específico (Res. CNE 4/2024, Art. 13, §3º, IV), quanto na Lei Federal de Estágio (2008), que exige orientadores “da área a ser desenvolvida no estágio” (Art. 7º, III). Sobretudo, um programa de estágio genérico, entregue ‘finalizado’ à revelia para cada Unidade coordenadora de curso, sem a construção de um diálogo, inclusive sem ouvir os estudantes estagiários do presente, nasce de uma premissa anacrônica que espelha o tempo em que a licenciatura era um curso complementar aos bacharelados e tudo referente a ela, inclusive o estágio, se concentrava na mesma Unidade, a FE. No século XXI, essa exclusividade na concepção dos estágios deixa de considerar que as Unidades coordenadoras de licenciaturas dispõem de quadros especializados para também conceber e ofertar o estágio do curso que coordenam; e que o Colégio de Aplica-

ção é Unidade central à proposta de estágio de cada curso, vide o Estatuto da UFRJ. Talvez esteja aí a raiz da questão: permitir maior participação democrática.

O momento exige mobilização da comunidade universitária e pode representar a oportunidade de um novo pacto institucional que reafirme a preparação de professores como prioridade da UFRJ (na COTAV em especial) e fortaleça o nosso vínculo com a educação básica. Somando-se ao papel da FE no Núcleo comum, imaginem, com as devidas condições e a articulação da Comissão Permanente de Licenciatura do CEG e do Complexo de Formação de Professores, se a Faculdade de Letras ofertasse disciplina e projeto de literatura para todas as licenciaturas: uma geração de professores leitores e uma nova circulação da literatura brasileira; o mesmo com as Escolas de Música, Belas Artes, Educação Física e Comunicação, em ofertas que impulsionassem repertórios culturais e artísticos na formação comum, e os Museus e outras Unidades acadêmicas nos diferentes campos de conhecimento, inclusive na prevenção ao negacionismo científico a partir da educação, e também em ofertas do NEABI para uma efetiva formação docente antirracista. Esta é a Universidade que (potencialmente) temos.

FERNANDO SOUZA



O Jornal da AdUFRJ pede desculpas por uma falha na cobertura da cerimônia de abertura da 14ª Semana de Integração Acadêmica (SIAC), em 22 de setembro. Na edição nº 1.375, a reportagem abordou a exposição da professora Tatiana Sampaio, do Instituto de Ciências Biomédicas, mas sequer citou a belíssima apresentação musical que encerrou o evento. Aluno do bacharelado em viola da Escola de Música da UFRJ e bolsista do Sistema Universitário de Apoio Teatral (SUAT), Gabriel Severiano encantou o público do Salão Nobre do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, que o aplaudiu de pé.